

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

**OS SABERES DAS TECEDERAS E FIANDEIRAS: NARRATIVAS E  
EXPERIÊNCIAS EM ITAPURANGA-GO. – 1970-2010**

**Prof. Dr. Valtuir Moreira da Silva (UEG)<sup>78</sup>**

**Profa. Abadia Maria de Oliveira (Secult-Itapuranga)<sup>79</sup>**

**RESUMO**

Estudo das representações culturais em Goiás, com ênfase no artesanato tradicional, que tem como objetivos discutir e apresentar o processo das tradições culturais das fiandeiras e tecedeiras no município de Itapuranga, Goiás. Enfoca as narrativas e ações que marcaram e, ainda marcam as vidas de muitas tecedeiras e fiandeiras na região, sendo parte das identidades produzidas e experienciadas na feitura dos artigos manuais da tecelagem manual tradicional. Os enfoques de E. P. Thompson, Walter Benjamin, Norma Simão Adad Mirandola, Tomaz Tadeu são alguns dos direcionamentos que nos ajudam a pensar a importância histórica da trajetória desta tradição, que se faz presente no cotidiano de inúmeras famílias que vivem nas áreas urbana ou rural, tecendo e urdindo suas tramas numa história de vida e luta, desde o século passado na região do antigo Xixá, atual Itapuranga.

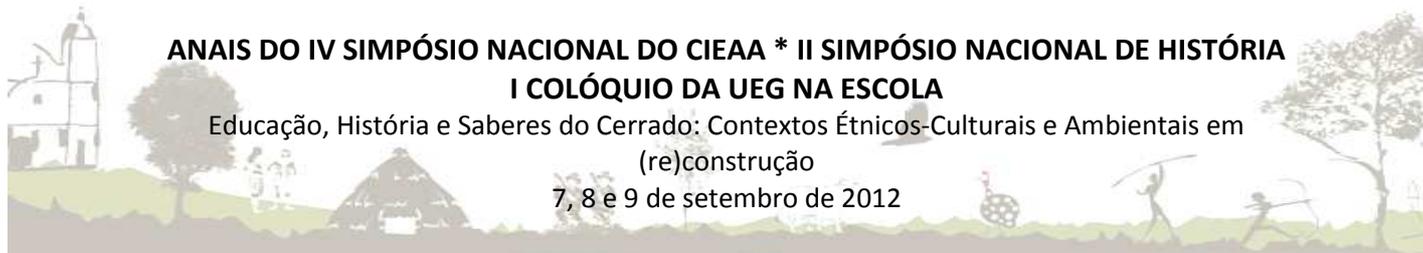
**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Popular, Fiandeiras e Tecelagem.

Ao tratarmos das representações culturais em Goiás, compete apresentarmos alguns debates que são pertinentes, para se compreender o objeto que ora intentamos discutir. Necessário se faz perceber que o conceito de tradição aqui usado se aproxima das discussões que fora produzida por E. P. Thompson, em sua obra *Costumes em Comum*, quando procura nos ajudar a entender o significado desta categoria, pois não podemos ver tradição aqui como algo que deve ser superado, esquecido e colocado no campo das lembranças somente, mas sim, resignificado, tendo em vista que a tradição se resignifica, mas não deixa de existir.

O tear manual é definido como utensílio que transforma filamentos ou fios em tecidos. Em geral, esses tecidos resultam da colocação de filamentos paralelos (urdidura) em sentido

<sup>78</sup> Professor do História da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Itapuranga, Coordenador do Curso de História e Pesquisador da Cultura Popular e Movimentos Sociais no Campo.

<sup>79</sup> Professora e Secretária de Cultura do Município de Itapuranga e Coordenadora do Grupo Teares do Xixá.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

vertical, no tear e que utilizando outros fios ou fibras no sentido horizontal compõe o tecido, que podem ser com ou sem desenhos, já que os desenhos são determinados pelos repassos, que são a representação em papel da quantidade de pedaladas que devem ser dadas e quantas vezes o liço deve ser baixado, para compor o desenho. Essa ação, a que se dá o nome de entrelaçamento, resulta da passagem, ao longo da largura do tecido, de um utensílios denominado lançadeira que faz com os fios em sentido horizontal se entrelacem com os fios de sentido vertical, fazendo com que os pedais levantem os liços, ora por cima, ora por baixo dos filamentos da urdidura.

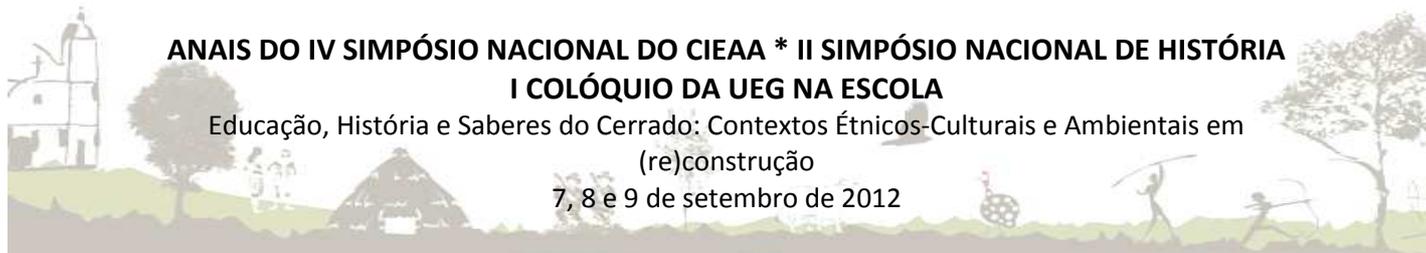
A tecelagem manual é provavelmente uma das artes mais antigas. Supõe-se que começou a se desenvolver por volta de 5000 a.C. e, em todas as culturas são encontrados vestígios dessa atividade, marcando a própria história do respectivo povo, daí seja possível conhecer a historia da humanidade a partir de sua arte de tecer.

Documentos que remontam a arqueologia evidenciam o aparecimento de objetos de trabalho da atividade de fiação (fusos, rocas, cardas, urdideiras) e da atividade de tecer (teares rudimentares) e, por projeção, o aparecimento dos tecidos, sendo estes o testemunho da técnica milenar da tecelagem artesanal.

O tear manual horizontal (primitivo) surgiu na Europa, por volta do século XIII, espalhando-se por quase todo o mundo. A tecelagem manual no Brasil incorporou motivos e técnicas das principais etnias constituintes do nosso povo, utilizavam diferentes desenhos e materiais, em conformidade com a formação e a transmissão do conhecimento através de gerações de tecelões.

Na época do reconhecimento do Brasil, os indígenas já trabalhavam o trançado ou a arte de trançar fibras vegetais de forma primitiva e criativa. O valor funcional dos trançados era expressivo para os povos nômades, mas os seus trançados em teares eram os teares de cintura ou teares portáteis para que pudessem permanecer no seu sistema de vida nômade.

No período da colonização, muitos indígenas foram catequizados pelos jesuítas, a fim de incluí-los na sociedade. Dessa forma, tornou-se grande a preocupação de Padre Manuel da Nóbrega em vestir os indígenas convertidos pela catequização. Foi necessária, então, a vinda de artesãos portugueses especializados que trouxeram todos os objetos necessários ao



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

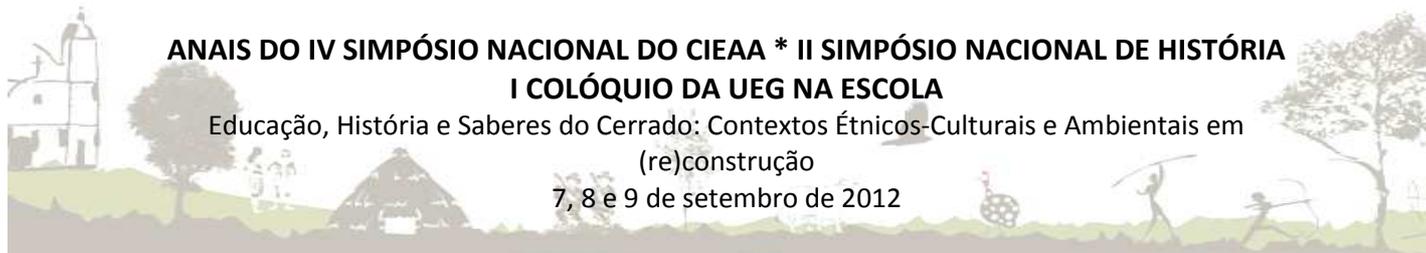
7, 8 e 9 de setembro de 2012

desenvolvimento da tecelagem (teares horizontais, rocas, cardas e outros), além de toda a prática da técnica. A atividade foi favorecida pela abundante matéria-prima no Brasil que é o algodão, que devido ao clima era plantado em diversas localidades, servindo para o uso próprio ou sendo vendido aos viajantes ou vizinhos. Sendo os tecidos de algodão intensamente produzidos para vestir os índios e também, os escravos vindos da África.

No século XVIII, havia uma grande necessidade de concentrar a mão-de-obra nas minas de ouro e lavouras, já que as riquezas brasileiras eram enviadas à Coroa Inglesa. Além disso, havia nos acordos comerciais a obrigatoriedade de Portugal importar os tecidos da Inglaterra. Assim sendo, a atividade da tecelagem foi proibida por Da. Maria I que, em 1785, decretou a queima de todos os teares. D. João VI, em 1809, revoga, através de um alvará, o decreto de Da. Maria I fazendo com que reaparecessem as atividades do fiar e do tecer, pois vários são os pesquisadores que afirmam que a tecelagem manual tradicional jamais desapareceu, ela somente saiu dos salões dos casarões para passarem para os porões ou pequenas casas de manufatura dentro das propriedades, que em sua maioria ficavam nas áreas rurais.

A modernidade e abertura de novos mercados, aliados às novas tecnologias de produção de tecido, fez com a tecelagem industrial progredisse a curto prazo e, com a mudança das pessoas das áreas rurais para as áreas urbanas fez com os tecidos feitos nos teares manuais fossem vistos como antiquados, cafonas, fora de moda e até motivo de preconceitos e críticas, colocando o tecido feito manualmente em desuso, como se fosse feio, quente, deselegante e sem modernidade, pois os tecidos industriais eram mais floridos, leves, fáceis de lavar e de secar e, ainda mais que não precisavam ser passados, outra façanha e façanha da modernidade.

Apesar desta abertura para a existência de fábricas de tecidos, a fiação e a tecelagem permaneceram fixadas nos interiores das casas e, em sua maioria no meio rural, predominantemente, em âmbito doméstico. Este fato fez com que esta arte fosse sendo relegada a um canto, aos idosos, aos sem ocupação e até esquecida ou mesmo desprezada nos meios mais cultos ou refinados.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Outro fato de cunho social e de gênero é que, fiar e tecer estiveram em mãos de mulheres, até o aparecimento do tear mecânico, em 1764, o qual só teve difusão na primeira metade do século XIX, aliás, uma máquina a quem foi dado um nome feminino, Jenny.

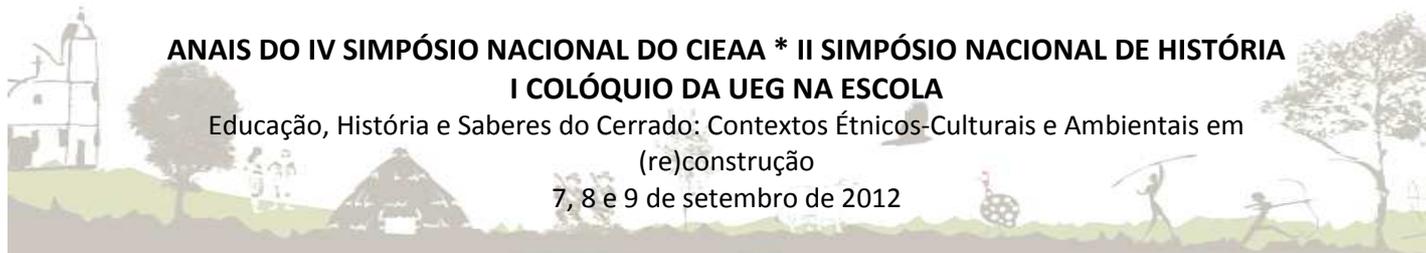
A tecelagem manual tradicional teve e ainda tem grande importância social para as regiões onde se estabelece, já que promove o seu desenvolvimento sócio-econômico e, as atividades que lhe são peculiares, favorecem ao aglutinamento de pessoas.

Minas Gerais e Goiás foram as regiões brasileiras que mais absorveram a arte de tecer manualmente desenvolvendo características próprias, porém conservaram a tradição trazida pelos colonizadores portugueses. Tal influência marcou de forma fundamental o povo dessas regiões e formou uma cultura própria e peculiar. Através do Tear se fez possível a confecção de roupas tecidas em algodão e lã, que serviam para a lida no campo, utensílios do lar e até mesmo para os dias de festa.

Nós primórdios da formação dos povoados e cidades e, mesmo nos vilarejos e cidades de pequeno porte, a tecelagem manual tradicional serviu como elo de formação dos laços de amizade, de companheirismo, do compadrismo e motivo de muita festa, pois os mutirões ou traições eram feitos para se ajudar a dona da casa a cumprir com determinada tarefa da tecelagem, em todas as suas etapas, desde o ato de colher o algodão até tingir ou tecer e, passavam o dia todo nestes afazeres e, terminavam o dia em uma festa na casa da família na qual tinha sido feito o mutirão ou tração.

A diferença entre o mutirão e a tração é que o mutirão era programado e organizado pelos donos da casa e, a eles cabia toda a organização e a alimentação, já a tração ou “treição” era organizada em segredo, normalmente por um parente ou um amigo da família que sabia da necessidade de se terminar o trabalho de tecelagem e o organizava em total segredo, sendo que a família que seria “traída” não sabia de nada, cabendo assim toda a organização, inclusive as comidas a quem tivesse programado a tração, mas terminava também em muita festa.

Era comum neste período o uso das peças de vestuário do dia a dia e dos dias de festas e também os itens de enxoval de noivas, todos feitos em tear manual com algodão em cor natural ou tingido e com lã natural ou tingida e, os enxovais eram prendas caríssimas para as



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

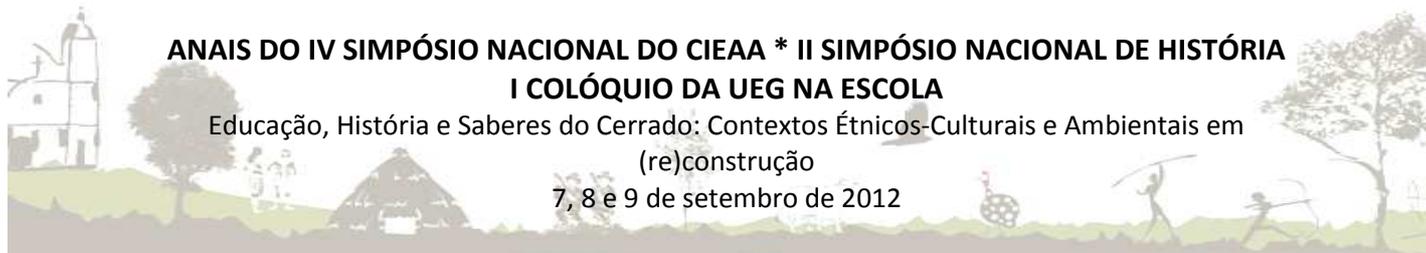
noivas, sendo considerado de um bom dote a moça que sabia tecer e, que fazia o seu enxoval, levando para o casamento e para a formação da futura família todos os panos necessários. Muitos namoros começavam nas festas após os mutirões e traições e, até faziam mutirões e traições para fazerem os enxovais de quem havia se conhecido nestas festas, ou seja, a continuidade de festejos se alastrava no convívio social, principalmente no meio rural.

Muitas peças eram feitas para o consumo familiar, mas também vendidas para ajudar no orçamento da família, servindo muitas vezes como a maior fonte de renda da família. Em Itapuranga foi escutado de várias fiandeiras, que ficaram viúvas ou que tinham maridos não muito esforçados, que todo o sustento da família foi tirado durante muitos anos com a venda das peças feitas por elas no tear manual e vendido na mesma cidade ou enviado para os comércios de outras localidades.

Ainda na atualidade muitas localidades onde não grandes indústrias ou que a cidade seja muito carente de emprego, ou que a mão de obra seja concentrada na agricultura familiar ou de subsistência, a tecelagem manual tradicional surge como uma nova opção de trabalho, bem como, de sociabilidade. Além disso, contribui para fixar o tecelão em sua localidade de origem, evitando a migração de populações para os centros de grande densidade populacional.

Com a industrialização o sistema de produção é em massa, onde peças são fabricadas em altas quantidades, com as mesmas padronagens, modelos, texturas e estilos, além de utilizar um alto índice de produtos químicos que muitas vezes são prejudiciais à saúde, principalmente as tintas, já que o teor de chumbo contido nelas gera câncer e outras patologias do gênero.

Há em todo o mundo um apelo ao retorno à simplicidade e ao natural, um movimento que se iniciou na Europa, como forma de resgate do lado mais humano e ecológico das produções, retrocedendo os olhares para o que tem identidade, para o que é feito de maneira ecologicamente correta e, que não prejudique o meio ambiente, entendendo com isto o homem como parte deste meio ambiente, fazendo uma linha de “um novo pensar e novo agir de modo de vida”. Onde o consumo de produtos prioriza o que sabe onde e como está sendo produzido, no sentido de valorização do simples e do prazer é que as fibras naturais ganharam



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

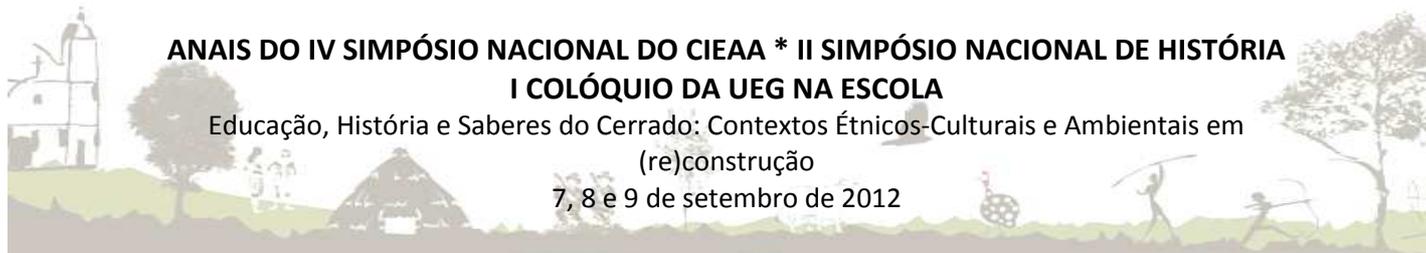
uma nova roupagem de mercado, pois podem proporcionar conforto, suavidade e sensação de prazer ao toque, ao contrário das sintéticas.

Estas fibras são obtidas através do cultivo e colheita de plantas destinadas a esse fim, ou seja, não há agressão à natureza. As plantações são exclusivamente para colheita e processamento da fibra. Assim como, também, a lã de carneiro que é obtida de animais criados exclusivamente para esse fim. Quando do seu descarte, as fibras naturais não poluem o meio ambiente. Além disso, para a obtenção das fibras, normalmente são utilizados processos, também, não poluentes contribuindo para desenvolver a cultura de preservação à natureza.

A atividade da tecelagem manual tradicional em muitas regiões há tempos atrás era inteiramente auto-suficiente, começando pelo plantio do algodão branco e o algodão ganga (colorido naturalmente), que, depois de colhido, era descaroçado manualmente, cardado e fiado. O tingimento dos fios se dava pela utilização de cascas e raízes, dentre elas o Anil (azul), a Sangra d'água (vermelho) e a Caparosa com pau-brasil (preto), entre outras. Processos estes que agora estão sendo retomados no mundo todo como revalorização da cultura local e do artesanato, que representam muitas vezes a forma de viver e de pensar dos grupos locais, fazendo da tecelagem não somente um artifício, mas também uma maneira de interação da comunidade local com o mundo, sendo ainda em muitos casos uma fonte de renda, já que Designers de todo o mundo estão voltando seus trabalhos para o rústico, diferenciado e natural.

Saber tecer e tingir fios de fibras naturais com outros elementos da natureza (cascas de madeira, folhas e alguns tipos de raízes) além de produzirem cores diferenciadas protege a saúde humana e animal, pois estas tinturas naturais não são nocivas. E ainda mantém a idéia de continuidade, pois os conhecimentos que são transmitidos se mantêm há séculos e, acompanham a humanidade desde sua origem, percebendo-se que a tradição e os ritos são passados de geração a geração, constituindo um modo de viver culturalmente socializado.

Toda esta produção cultural e simbólica na arte de tecer e fiar faz parte de uma tradição que traz à tona uma série de significados e significantes e, que nos remete aos costumes das pessoas, talvez como descrito por Bacon citado por Thompson (1998), como



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

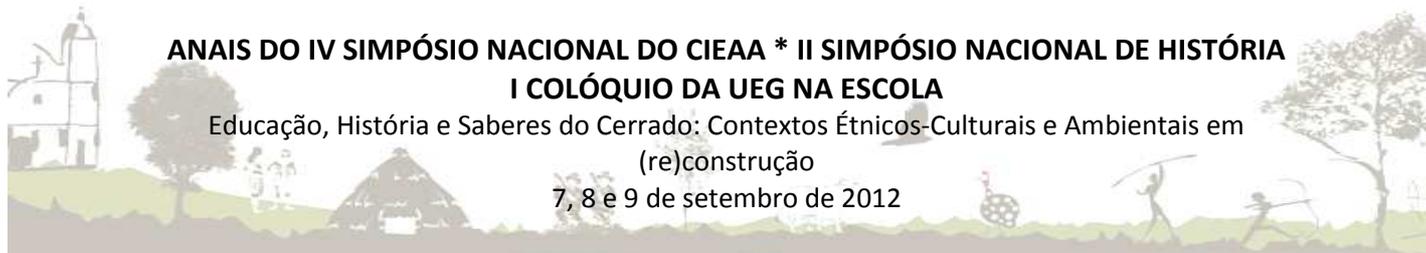
sendo a segunda natureza do homem. Ao lado desta tradição existe a cultura, componente importante para se conhecer e discutir as tradições existentes em relação às fiandeiras e tecedeiras existentes em Goiás, em especial em Itapuranga.

Ao olhar e rever as possibilidades de conhecimento destas experiências que marcaram e, continuam a marcar as vidas de várias mulheres e homens, nesta trama que se estabelece no universo de tecer e fiar possibilita-nos contar e escrever as representações existentes nestes inúmeros universos.

Mas se voltarmos a um passado não muito remoto podemos constatar que estas atividades mediavam a vida cotidiana e, ainda, de sobra, eram espaços que serviam como representações sociais e, até de embate político. E compete mais uma vez aqui, apresentarmos uma definição de cultural thompsoniana que nos ajuda a introduzir melhor este sentido construído pelas fiandeiras e tecedeiras, estudadas nesta pesquisa, levando a compreensão de que:

uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo – assume a forma de uma sistema (Thompson, 1998, p. 17).

Elementos conflitivos aqui aparecem em muitas destas peças tecidas e tramadas, quando tentam entender o que se vive pelos laços e traços construídos, sendo que, muitas vezes, estas experiências são conseguidas em um encontro no mutirão ou mesmo, quando uma das tecedeiras conta que em outros lugares usam tais tramagens, ou emprestam às outras os repassos que traz guardado em caixas, do tempo de suas bisavós ou que serviram para a produção de suas caixas de enxoval. Um fato interessante observado nos desenhos de suas “cobertas” é que muitas delas não se conheciam, nem tinham parentes ou amigos em comum mas tem em suas cobertas os mesmos desenhos ou grafismos e, quando isto é falado a elas, elas se surpreendem pois em geral elas não fazem os repassos, eles foram copiados ou herdados há muitos anos de pessoas que não são somente de suas famílias.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

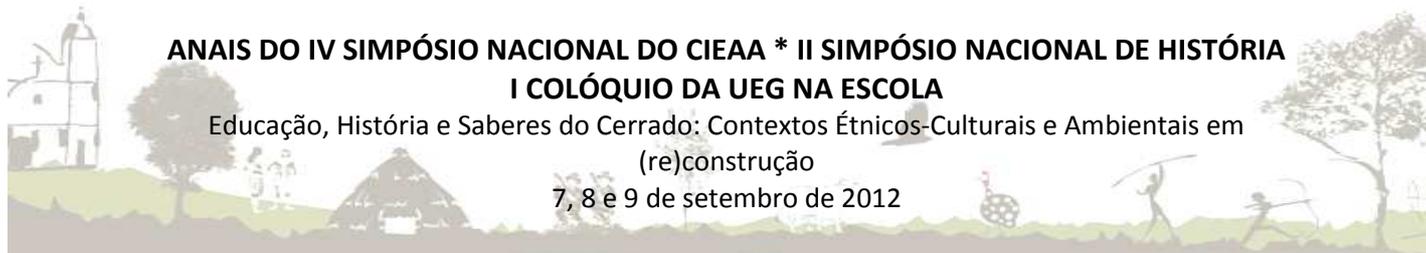
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Frente a tudo isso as tecedeiras e fiandeiras, objeto deste estudo, na região de Itapuranga narram suas vidas e, tem estas vidas entrelaçadas nas tramas do tear manual tradicional, e elas, por si só, como pessoas já são um legado vivo da história e, que nos permite entender como as pessoas se relacionavam social e culturalmente na cidade, no campo e na região e, como eram construídos espaços de poder no grupo social em que viviam. Percebemos tais questões quando realizamos num primeiro encontro com elas, nas entrevistas do projeto de pesquisa e depois no Encontro de teares, pois num evento coletivo era como se as histórias de cada uma fosse um capítulo de um livro ainda não escrito e nem publicado, pois elas recordaram dos encontros nas comunidades, das festas, das negociações, dos casamentos, dos embates políticos e, numa condição que lhes servia para refletir e trocar experiências para os moldes e tramas que estavam tecendo para suas famílias.

Itapuranga é um município formado por agricultores familiares, dando a nós uma nítida sensação de que os conflitos não existem. Ledo engano para aqueles que se atentam a tudo, pois as contradições estão dispostas nos vários movimentos de luta existentes, desde a luta contra a exploração do patrão quando da divisão das meia e da terça (meeiros e terceiros são formas de negociação de uso da terra nas áreas rurais); passando pelos embates por saúde pública, em defesa da vida e do meio ambiente. Aqui mais uma vez podemos dizer que, a luta social não acontecia somente no sindicato, partido ou na igreja da libertação, mas se reatualizava em outros espaços de colaboração como nos mutirões e traições e, em nestes muitos momentos se faziam análises da vida cotidiana, demonstrando que a vida política não se encerra e, nem se inicia com a organização sindical ou partidária, mas se torna presente nos encontros e desencontros na vida cotidiana, em especial no trabalho de fiar, tecer e produzir as roupas para seus familiares e amigos e nos embates que esta arte as leva ainda negociar dentro das casas o direito de ir e vir a um mutirão, de tecer até muito tarde da noite, de produzir e vender ou dar de presente a peça que fizeram.

Em todos estes espaços as tecedeiras e fiandeiras estavam presentes pois quando as pessoas iam para tais encontros era perceptível alguns dos membros da comunidade vestir e trajar um tecido que havia sido produzido por estas mãos hábeis na arte de tecer. Assim,



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

consideramos que, a arte das tecedeiras são representações políticas presentes na vida inteira de muitas famílias.

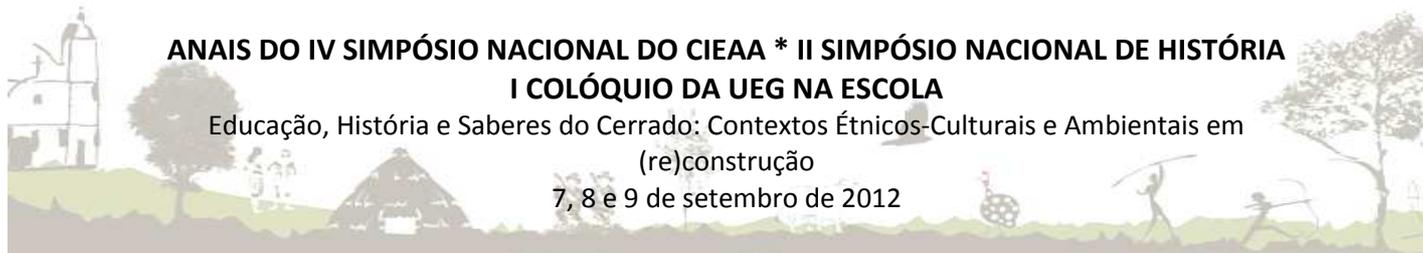
Concernente aos inúmeros saberes produzidos pelas tecedeiras e fiandeiras em Itapuranga, podemos dizer que são representados desde o plantio, no descaroçador, na feitura dos fios, na produção das peças, nas tramagens do tear, dentre outras atividades, tudo lida com a capacidade do aprendizado, de disciplina, de organização, bom senso e, principalmente com a criatividade e, com a alegria de dentro de cada uma, pois ao se juntarem num mutirão ou encontro isto se transborda de dentro pra fora, transformando-as, é como se fossem crianças se divertindo com um brinquedo.

A tecelagem manual promove um reencontro do ser humano com a natureza, sendo de grande importância ambiental e ecológica, já que nesta arte as matérias-primas utilizadas são renováveis e, os movimentos utilizados quando cardam, fiam, tecem fazem com que as pessoas se sintam parte de um mundo que elas ajudam a criar, pois as suas mãos produzem algo belo e, isto lhes faz bem, ou seja, a saúde das fiandeiras também está no manuseio de seus utensílios, como se eles as interligassem a um mundo único, criativo e produtivo.

O que chama atenção nestas representações da tecedeiras e fiandeiras em Itapuranga são suas capacidades de se representarem junto aos temas e cotidiano que viviam, pois ainda hoje conseguem narrar com riquezas de detalhes as muitas tarefas impostas na lida da arte de tecer. Haja vista que, muitas destas eram encarregadas do preparo do solo, plantio, colheita, descaroçar, cardar, fiar e fazer as peças no tear manual.

Todo este cotidiano se realizava com inúmeras experiências compartilhadas nas casas com o trabalho familiar ou mesmo quando, saiam de seus recintos para os mutirões. Momentos de muita interatividade e que servia para trocar os ensinamentos recebidos nos seios familiares e compartilhados. Todos estes saberes e sabores que trançam em suas prosas podem ser verbalizados ainda hoje, com as representações que nos legaram muitas destas tecedeiras, mesmo muitas destas mulheres não estarem no ofício que apreenderam quando crianças.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

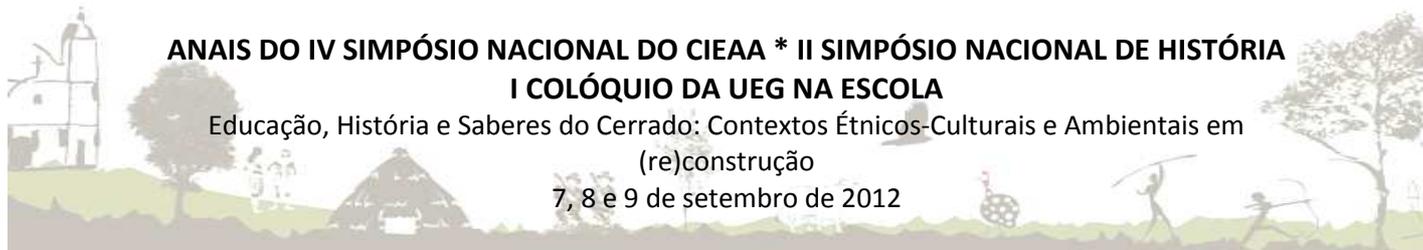


**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

- ACHA, Juan. *Las culturas estéticas de américa latina*. México: Ed. UNAM, 1994.
- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- ALMEIDA, J. Todas as festas, a festa? In.: SWAIN, T. N. (org.). *História no plural*.
- APPADURAI, Arjun. *La vida social de las cosas*. México: CNCCA, 2005. Brasília: UNB, 1993.
- DUARTE, Claudia Renata. *A tecelagem manual no triangulo mineiro – história e cultura material*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Companhias das Letras.
- BRANDÃO, C. R. *Memória sertão. Cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manoelzão*. São Paulo: Cone-Sul Universidade de Uberaba, 1999.
- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1998.
- CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- CHAUL, Nasr e RIBEIRO, Paulo (Orgs.). *Goiás: identidade, paisagem tradição*. Goiânia: Ed da UCG, 2001.
- CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. Série fundamentos. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína(Coord.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- Le Goff, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARTINS, Marcolina. *Tecelagem artesanal: um estudo etnográfico em Hidrolândia*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1981.
- MACHADO, Ironita P. *Cultura historiográfica e identidade: uma possibilidade de análise*. Passo Fundo: UPF editora, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *As artes plásticas no Brasil*. ECA/USP, 2009.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

ORTEGA, Miguel Angel. *Arte popular e artesanía*. Espanha, CONAC, 2001.

POHL, Joahn Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1976

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade - na história e na literatura*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.